

REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DURANTE A PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR: REFLEXÕES SOBRE A CONTINUIDADE DOS ESTUDOS EM TRAJETÓRIAS FAMILIARES DE BAIXA-RENDA

JESUS, Marta Lícia Teles Brito de* – Fundação Clemente Mariani

GT-14: Sociologia da Educação

Agência Financiadora: FCM

1. Introdução

De acordo com Zago (2006), nas últimas décadas os estudos no campo da sociologia da educação vêm produzindo importantes indicadores teóricos para problematizar o que tem sido chamado de “longevidade escolar”, casos “típicos” ou “trajetórias excepcionais” nos meios populares.

Assim, procurando seguir essa direção, ao socializar as reflexões surgidas a partir dos resultados do estudo de caso que será apresentado no decorrer desse texto, procurou-se dialogar com outros casos que fogem à tendência dominante.

A bibliografia consultada nos permitiu identificar pesquisas sobre universitários oriundos de meios populares, a exemplo, do estudo “Por que uns e não outros”? Caminhada de jovens pobres para a universidade¹. Um estudo que registra a trajetória de jovens universitários, moradores da Maré, favela do Rio de Janeiro.

É importante destacar que a referência feita aos diferentes estudos de caso conhecidos, como a pesquisa citada anteriormente, não tem o sentido de comparar as conclusões a que chegamos², mas dialogar com as análises e referenciais teóricos utilizados. Dessa forma, evita-se um equívoco de incorrer em generalizações, visto que esse estudo trata-se de um caso particular.

Essa pesquisa surgiu durante o acompanhamento de jovens que foram identificados, por uma Organização Não Governamental – ONG, como academicamente

* Instituição: Universidade Federal do Recôncavo – UFRB.

Apoio: Fundação Clemente Mariani – FCM. Estudantes envolvidos no projeto: Bruno Pessoti, Edilsa Sotero e Hugo Gama (Estudantes de graduação da UFBA e estagiários da FCM).

¹ SILVA, Jailson de Souza. Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

² A realização da tarefa de compilar os diversos resultados obtidos em estudos de caso sobre a temática tratada nesse estudo é importante e deve ser feita, mas trata-se de outra pesquisa.

motivados para continuarem seus estudos no Ensino Superior, após a conclusão da Educação Básica.

Esses estudantes fizeram parte do “Projeto de incentivo ao ingresso de estudantes de escola pública no Ensino Superior Público na Bahia (Universidade Federal da Bahia - UFBA, Universidade Estadual da Bahia - UNEB e Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS).” Eles têm em comum: faixa etária entre 17 e 25 anos; moram em bairros periféricos ou no subúrbio ferroviário de Salvador; são provenientes da rede pública de ensino na Educação Básica; a renda de suas famílias não ultrapassa três salários mínimos e a renda familiar *per capita* não ultrapassa um salário mínimo; não possuem casos de membros da família nuclear com idade superior a dezoito anos que tenham cursado ou estejam cursando a universidade.

Os dezoito estudantes que participaram do projeto, receberam subsídios considerados necessários à preparação para concorrer a uma vaga nos processos seletivos das universidades públicas: freqüentavam um cursinho pré-vestibular; recebiam uma bolsa-auxílio no valor de R\$300,00; eram acompanhados pedagogicamente e freqüentavam monitorias das disciplinas que apresentavam dificuldade; participavam de atividades culturais – idas ao cinema e ao teatro – e discussões de filmes e livros cobrados no vestibular. Portanto, os jovens pesquisados vivenciaram uma situação atípica em relação a outros jovens com o mesmo perfil sócio-econômico que também desejam ingressar em um curso superior.

Diante desse contexto, buscou-se identificar em que medida a oportunidade do projeto que os estudantes participavam contribuiu para o seu ingresso no ensino superior, procurando identificar quais os aspectos que escapam a experiência comum a esses jovens, especificamente a participação no projeto, são fundamentais para fornecer um estudo exploratório que possa contribuir com futuras pesquisas de maior envergadura sobre a continuidade dos estudos e o acesso ao ensino superior pela juventude brasileira de meios populares.

Assim, procurou-se conhecer quais elementos influenciam o desempenho dos estudantes nos aspectos gerais de suas vidas - convívio social, pretensões e expectativas de futuro e experiências escolares. Além disso, tentou-se conhecer as principais dificuldades encontradas pelos estudantes e as estratégias utilizadas para superação das mesmas, durante a preparação para o vestibular, com vistas à continuidade dos estudos, mesmo com o apoio recebido pelo já referido projeto que o grupo pesquisado fez parte.

2. Acertos metodológicos

Uma orientação metodológica para o presente estudo, sem dúvida, são os elementos discutidos na Teoria das Representações Sociais, especialmente, quando esta procura evidenciar que nem tudo que é interessante no mundo social deve merecer atenção dos pesquisadores.

“As representações estão presentes tanto no mundo”, como “na mente”, e elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos (...) Somente vale a pena estudar uma representação social se ela estiver relativamente espalhada dentro da cultura em que o estudo é feito.” (FARR, 1995)

Ou seja, foi necessário pesquisar as categorias recorrentes em estudos com grupos semelhantes e, ao mesmo tempo, identificar no contexto estudado quais questões foram destacadas e silenciadas pelos estudantes, e também por outros sujeitos que fazem parte da teia de significação desses discursos: coordenadores do projeto que participavam, familiares mais próximos, amigos etc.

Seguindo as considerações de Brandão (2000), partimos em busca de saliências do material que recolhemos das entrevistas com os estudantes³. Sendo assim, primeiro nos aproximamos das representações sociais em torno dessas questões para, só então, algum tempo depois, construirmos um conjunto de evidências a serem confrontadas com o perfil desses estudantes.

Utilizou-se dos dados obtidos em dois questionários: 1) o questionário aplicado em todos os candidatos ao projeto - requisito para a inscrição; 2) o questionário da pesquisa aplicado aos 32 estudantes participantes do projeto - objetivo elucidar os principais destinos do dinheiro da bolsa-auxílio que recebiam. Foram registradas, ainda, observações dos estudantes no bairro onde alguns deles moravam.

E, por fim, todos os dezoito estudantes foram entrevistados. Sendo importante sinalizar que, ao elaborar o nosso roteiro de questões a serem feitas nas entrevistas

³ As entrevistas foram realizadas no mês de outubro, um mês antes do vestibular.

semi-abertas, já se sabia previamente os assuntos que não poderiam faltar momentos de conversa com os estudantes: a trajetória escolar; o contexto familiar e do bairro onde moram; a escolha do curso pretendido; a preparação para o vestibular e a expectativa futura após o ingresso e o término do curso. Tais assuntos, foram identificados na literatura educacional e nas análises dos questionários.

3. Mais algumas informações sobre os estudantes e suas famílias

Como já foi dito anteriormente, esses jovens possuem em comum: faixa etária entre 17 e 25 anos; moram em bairros periféricos ou no subúrbio de Salvador; são provenientes da rede pública de ensino⁴; a renda destas famílias não ultrapassa os três salários mínimos e a renda familiar per capita não ultrapassa um salário mínimo; não possui casos de membros da família nuclear com idade superior a dezoito anos que tenham cursado ou estejam cursando a universidade.

Contudo, há outros elementos que os diferenciam e os assemelham que devem ser brevemente assinalados, para uma maior compreensão do contexto estudado.

Entre os dezoito estudantes, dez são do sexo feminino e oito são do sexo masculino. Quanto à vivência religiosa dos estudantes, seis não freqüentam nenhum centro religioso, sendo que destes dois já freqüentaram. Os demais não apenas professam religiões das mais diversas, como também vez por outra estão ligados a grupos de jovens que apresentam diferentes características, mas na maioria dos casos os grupos se reúnem nos finais de semana para ensaios de músicas e espetáculos teatrais que serão apresentadas nas cerimônias (missas, cultos, etc).

Os pais ou responsáveis dos estudantes abandonaram cedo os estudos. Dentre os pais: três chegaram ao Ensino Médio (dois concluíram); quatorze cursaram o Ensino Fundamental (dois concluíram); um dos pais nunca freqüentou uma escola. Dentre as mães: cinco terminaram o Ensino Médio, das quais duas fizeram Magistério; duas não concluíram o Ensino Médio; nove cursou o Ensino Fundamental incompleto; duas não

⁴ Destaque para dois estudantes que estudaram em escolas públicas diferenciadas no ensino médio, ambas escolas conhecidas pelo rigoroso exame de admissão e consideradas de “boa qualidade” pela população de Salvador o Colégio da Polícia Militar – CPM e o Centro Federal e Tecnológico da Bahia – CEFET/BA.

temos informação, pois os filhos não souberam responder o grau de escolaridade que a mãe atingiu.

Dentre as famílias dos estudantes apenas sete têm entes com regimes de trabalho fixo, os demais dependem de bicos ou de empregos temporários. Entre as ocupações dos pais, encontramos funções típicas de quem tem pouca ou nenhuma escolarização. No caso dos pais dos nossos alunos temos: comerciante, pedreiro, mecânico, pintor, marmorista, marceneiro, carregador de feira, auxiliar de entrega de uma companhia de bebidas, vigilante, motorista e lavador de carros. Já no caso das mães cinco “cuidam do lar”, e as demais dividem essa atividade com outras ocupações: empregada doméstica, serviços gerais, cozinheira, cabeleireira, costureira.

4. Aspectos da história de vida dos estudantes: alguns “achados” e “perdidos”

O primeiro tópico abordado a ser abordado é o bairro e as experiências sociais dos estudantes na comunidade, é interessante notar que os mesmos dizem não ter o hábito de interagir socialmente com seus vizinhos. Uma deles chegou a declarar que o seu bairro “não é um lugar de pessoas dignas.” Há outros depoimentos menos contundentes, mas que também dão conta de um certo “distanciamento” quanto aos vizinhos de rua, especificamente, e dos moradores do bairro, de uma forma geral.

O bairro também quase sempre é apresentado, pelos estudantes, como um lugar sujeito a muitas críticas depreciativas. Nada é poupado, nada presta, nada funciona. Há um único registro no qual se enaltece uma qualidade do bairro, sendo esta uma qualidade ligada às belezas naturais que ele ainda preserva, apesar da falta saneamento básico e segurança.

É muito diferente por quê assim, em Águas Claras o pessoal é muito ... digamos.... frio, né? Não têm muito tem aquele contato mais... é muito superficial (...) é uma coisa muito assim fechada reservada.

O bairro não é bom... é um lugar que só tem pessoas assim... que o ambiente não é agradável. Pessoas que, tomam parte da sua vida, um bocado de maconheiro... é ruim o meu bairro não é legal ... e, a gente vive lá mais assim, dentro de casa, não temos muitas amizades. Eu mesmo tenho vinte um anos lá, se eu contar só tenho duas pessoas que

eu conheço e que vai lá em casa... mais não gosto de amizade nenhuma de lá não tenho relação nenhuma com o pessoal do meu bairro porque não são pessoas dignas.

(...) O bonito é justamente o lado físico, mas o que não é bonito é a situação que o pessoal vive, né? Situação de miséria a marginalidade... pessoas no meio do crime não querem nada com a vida, jovens que andam se perdendo e tudo isso.

Essa não é, contudo, a impressão que fica quando tivemos a oportunidade de acompanhar os estudantes nas proximidades de suas casas. Em um curto trajeto é comum vê-los acenar a mão várias vezes e cumprimentar pessoas de diferentes faixas-etárias, tratando-as e sendo tratados pelos seus nomes, ou apelidos, de forma íntima e carinhosa.

Apesar de acreditarmos que esse aspecto merece uma investigação mais apurada, é possível inferir que talvez exista por parte destes jovens a necessidade de se mostrarem diferentes das pessoas que os circundam. Pelo fato de estarem estudando para futuramente ingressarem e serem “aceitos” na universidade. Já que universitários são raros nos lugares onde moram.

Quando o assunto passa a ser trajetória escolar dos estudantes, a passagem pela rede pública de ensino sempre aparece como uma barreira que impede o crescimento deles, confirmando outros estudos sobre a qualidade da Educação Básica, oferecida nas escolas da rede pública de ensino. A exceção dos estudantes que freqüentaram escolas de Ensino Médio diferenciadas (ver nota anterior n. 4), problemas constantes no dia-a-dia da rede pública de ensino são enfatizados pelos estudantes: professores descompromissados, ambientes escolares marcados pela violência e greves, falta de material escolar e infra-estrutura nas escolas etc.

Muitos professores da escola pública subestimam muito os alunos e por conseqüência também acabam prejudicando os alunos.

(...) era uma escola bastante precária, e tinha algumas, e tinha algumas gangues lá, nessa escola, então, pelo fato de não me misturar a essas gangues assim elas começaram a procurar intriga comigo e

chegaram até de me ameaçar de morte e tal aí eu tive de sair da escola.

Aí que o que mais me marcou assim foi o período das greves mesmo que sempre ficava atrasando os assuntos quanto mais que na escola pública sempre não dá tempo de rever todos os assuntos assim mesmo que os professores queiram não dá tempo de rever então com greves piora ainda mais ainda a situação.

Tais discursos, encontram ressonância em outras pesquisas com jovens universitários de meios populares, conforme exemplo, a seguir:

“Já se tornou senso comum a afirmação de que as políticas públicas voltadas para a educação básica não tem contribuído para garantir um ensino público de qualidade. Com um histórico escolar pouco competitivo e o alto grau de concorrência no vestibular, todos os entrevistados tinham uma apreciação muito crítica sobre suas chances objetivas.” , incompetente e que não apresenta perspectivas de mudança para curto ou médio prazo.” (ZAGO, 2006)

Contudo, é importante atentar-se ao fato de que ao lado das lembranças de uma “escola ruim”, há passagens em que os estudantes destacam professores marcantes que faziam um bom trabalho e que, com essa atitude, os fizeram aprender e ter interesse em disciplinas ou conteúdos específicos:

Olha (...) sempre gostei de biologia, geografia pelo fato de ter tido duas professoras assim que eu gostei muito pelo fato assim de ensinarem assim de forma diferente então eu me interessei bastante por biologia e geografia teve uma época também já no segundo grau que eu passei a gostar de bastante gramática por causa da professora..

No ensino médio foi, eu comecei a acho que ampliar meus horizontes quando entrei em contato com Teatro, tinha um professor de História

ele desenvolvia um trabalho interdisciplinar no colégio e aí, é reunia um grupo de alunos e trabalhava com vários temas né? Tanto da Tropicália é, Ditadura Militar na própria é, questões sociais e gêneros é, políticas também. Aí através desse contato com o Teatro comecei a ver que as possibilidades que eu tinha, pra assim pra continuar caminhando na minha vida né?

A preparação para o vestibular, de um modo geral, fez com que os estudantes confrontassem a bagagem anterior construída na trajetória escolar e as competências que precisariam construir, em um curto espaço de tempo, para lograrem aprovação nos cursos pretendidos. Vejam:

Estudante 5: *E eu tô vendo isso agora no cursinho, que... tô vendo que não foi nem, exatamente... não me ensinam nem dez por cento do que eu deveria saber. Realmente estou aprendendo, quer dizer, acho que teve uma dificuldade, gritante assim, das coisas que poderiam já ter sido passadas ou que realmente pode passar na escola pública que eu estudei.*

Anselmo:*[...] uma umas das experiências que já vinha tentando há algum tempo pro vestibular minha estratégia primeiro seria, eu continuaria estudando assim as disciplinas da minha área, humanas mais humanas, né? O tempo que eu tivesse eu pegaria livros emprestados ir em Bibliotecas se tivesse como ir, e continuaria estudando por conta própria, consultando colegas procurando professores de colégios assim, pela questão da busca mesmo, né? Para conseguir superar as dificuldades que tenho em alguns conteúdos.*

Ainda durante as lembranças da trajetória escolar, os estudantes destacam as atividades culturais, os cursinhos pré-vestibulares e as monitorias do projeto como experiências que os ajudam a superar as lacunas que identificam na formação, fruto da

escola que freqüentaram, aliadas as poucas oportunidades de acesso a bens culturais valorizados no vestibular (acesso à literatura e ao cinema, por exemplo).

Além da trajetória escolar, a participação da família é outro elemento enfatizado pelos estudantes, durante as entrevistas. Nos discursos, encontramos um intenso conflito no que diz respeito ao apoio a decisão do estudante de se prepararem para o vestibular, pois esta decisão é vista em contraposição ao ingresso imediato no mercado de trabalho.

O conflito identificado nos discursos dos estudantes, deve-se, sobretudo, ao resultado incerto de êxito, aprovação no vestibular. A pressão quando não vem da família nuclear chega até os estudantes por intermédio de primos, tios, avós. Por conta disso, não conseguimos encontrar um caso no qual o estudante tenha tido apoio integral dos familiares.

Entre os dezoito estudantes, nove já havia prestado vestibular antes, e foram reprovados, alguns estavam na terceira tentativa. Portanto, a incerteza de ingresso na universidade é uma das questões que intensificam a tensão vivida pelo estudante junto aos familiares, que em algumas situações deixam claro que consideram o ano dedicado ao estudo para ingresso no vestibular, um ano perdido de trabalho que poderia ajudar a complementar a renda da família.

No estudo já citado feito por Zago (2006), ela afirma que quando o estudante não fracassa em sua tentativa como esperava, “não raro ele duvida de sua capacidade e atribui o resultado obtido à ocorrência de uma chance, uma sorte”. O êxito no vestibular é sempre recebido com surpresa pelo estudante.

Por isso, a bolsa-auxílio recebida no projeto pelos estudantes, durante a preparação para o vestibular, acaba se constituindo em um elemento capaz de amenizar essa tensão familiar, visto que o estudante recebe um valor mensal para custear os seus estudos, ou melhor, sua decisão de enfrentar o vestibular.

Olha meu pai nem sei se ele sabe o que quero fazer, por que é uma pessoa totalmente assim, desinteressada, né? Mas a minha mãe me dá força, me incentiva. Todos assim, com exceção de algumas pessoas que não estão nem aí se isso é importante ou não pra mim.

Bom minha mãe é a pessoa que me dá um apoio vital assim pra, pra eu estar fazendo, ela me apóia no máximo que ela pode[...].

Família... Bom, sempre tem um que é a favor, né? É assim, a maioria acredita que eu tô estudando em vão, que meus estudos não servem pra nada 'que com dezesseis anos quatorze anos eu já trabalhava que eu tinha que trabalhar'.

Assim, o destaque para a bolsa-auxílio recebida no projeto pelos estudantes, durante as entrevistas, deve-se ao fato do benefício ser funcional na vida dos estudantes, extrapolando o custeio dos estudos e passando a ser incorporada na dinâmica familiar de manutenção das despesas da casa.

Eu pago o cursinho na verdade, né? Então vai... é... um pouco mais da metade do dinheiro pra o cursinho, eu fico responsável pelo meu transporte e ajudo a minha mãe em alguma em alguma coisa que esteja precisando na minha casa. Às vezes eu compro gás, eu faço alguma coisa que tiver precisando e algum reservo pra eu sair.

As situações existenciais, relações familiares, realidades sócio-cultural e econômica, etc., evidentemente, não são idênticas. Portanto, os exemplos de ajuda em casa variam muito, em função dessas diferenças, mas em todos os depoimentos ela existe e apareceu como sendo responsável em deixar os estudantes mais tranquilos para se dedicarem à preparação para o vestibular. Por exemplo, um dos bolsistas quando ingressou no projeto tinha em sua casa contas de luz e água muito atrasadas, e usou parte do valor da bolsa para regularização dos débitos.

Soma-se a isso, o fato de os estudantes nos dois últimos meses de bolsa, de acordo com os dados do questionário de sondagem do uso da bolsa, destinarem parte do pouco dinheiro recebido para uma poupança. Todos tinham em comum a preocupação com a sua manutenção no ano seguinte, independente da possibilidade de aprovação ou não no vestibular.

Quase todos os estudantes já tiveram que trabalhar para ajudar com as despesas em suas respectivas casas. Caixas de supermercados, atendentes de lojas, auxiliares de pedreiros, etc. Cada qual como podia e segundo as oportunidades que se apresentavam. Um deles, no ano anterior ao ingresso no projeto, já se preparando para o vestibular

teve que deixar os estudos para auxiliar o pai na construção de uma casa, pois o valor que o pai – pedreiro – ia receber não dava para contratar um servente (ajudante).

Além da complexidade que é optar se preparar para o vestibular, há nas entrevistas uma outra questão que também faz parte constante das preocupações dos estudantes: qual o curso devo escolher? Esse processo de escolha não muito simples também está presente nos estudos educacionais, que já vem debatendo os critérios utilizados pelos jovens de meios populares para a escolha do curso universitário.

Quase sempre o curso menos concorrido não é a primeira opção do vestibulando de família de baixa-renda, este só passa a ser em decorrência de insucessos sucessivos ou da necessidade de aprovação imediata.

De acordo com Silva (2003) as experiências de vida são fundamentais para a escolha do curso universitário, o que faz com que na maioria das vezes essas escolhas sejam influenciada pelas chances reais de aprovação, destes jovens que conhecem bem as dificuldades que tem a superar para passar no vestibular.

Brandão (1998) nos diz que um dos fatores de maior semelhança na escolha do curso a ser seguido pelos alunos de mesmo perfil, nos cursinhos do Rio de Janeiro, é a concorrência que apresentam no vestibular. Apresentando as escolhas dos alunos dos Pré-vestibulares para Negros Carentes – PVNC. O autor conclui que “as aprovações se concentram em cursos da área de humanas”, especificamente as licenciaturas. Cursos tradicionalmente considerados como de maior prestígio social (Medicina, Direito e Engenharia) não são cogitados.

Essa tendência se confirmou nos jovens pesquisados, a exceção, de estudantes que tiveram alguma vivencia marcante, como um deles que participou de um curso de extensão no seu bairro, voltado para mulheres negra, coordenado por uma socióloga, e por conta disso, definiu esse mesmo curso como sua opção de vida.

Entre os estudantes entrevistados foi verificado os cursos que eles queriam fazer quando ingressaram no projeto (ficha de inscrição), em março, e os cursos declarados nas entrevistas, realizadas em outubro (um mês antes do vestibular). Houve algumas mudanças nas escolhas dos estudantes por cursos “mais” e “menos” concorridos, no

decorrer do ano. A justificativa que eles deram para a mudança está associada às chances de aprovação⁵.

Entre os estudantes que desejam ingressar em cursos mais concorridos tivemos 5 estudantes: 2 escolheram Direito, 1 escolheu Medicina e 2 escolheram Comunicação. Destes cinco, dois cursaram escolas diferenciadas, já citadas em outro momento (ver nota 4).

No que diz respeito às expectativas de ingresso no Ensino Superior e expectativas futuras relacionadas ao êxito acadêmico e conclusão do curso, os estudantes colocam seus anseios econômicos e sociais sendo supridos em função da elevação da escolaridade. Os discursos nos trazem à tona os debates em torno da “mobilidade social atrelada a elevação da educação”. Vejam,

(..) lá Universidade vou ter mais conhecimentos vou aprender, é, a uma profissão e ingressar posteriormente no mercado de trabalho, né?

Estabilidade. Acho que isso [passar no vestibular] vai trazer estabilidade pra mim é, oportunidades oportunidade no mercado de trabalho. [...]. E pra minha família é uma perspectiva muito grande.

Além disso, os discursos são marcados pelo desejo dos estudantes de dar condições melhores aos seus familiares. Dessa forma, acreditam que a persistência em cursar universidade irá garantir acesso a bens de consumo e direitos sociais básicos as suas famílias.

5. Considerações finais

⁵ A justificativa para mudar a escolha inicial do curso pretendido está atrelada fortemente a uma auto-avaliação do estudante, uma espécie de análise subjetiva dos resultados obtidos nos simulados dos testes realizados e de seus avanços na compreensão dos conteúdos cobrados no vestibular.

Sabe-se que o vestibular representa diretamente a noção, utilizada por Gomes (2000), de “discriminação por impacto desproporcional”. Significa que no mesmo dia e na mesma hora são colocados lado a lado sujeitos que, por conta de processos sócio-históricos, carregam quantidades absolutamente desiguais de “capital cultural”. Esses sujeitos são apresentados a mesma prova.

O depoimento de uma das estudantes que participou da pesquisa, após a realização do vestibular, registrado por um monitor do projeto em questão, é instigante e nos ajuda a tecer algumas considerações em torno do que foi explanado a respeito da vida e expectativas dos jovens e de suas famílias. Ela disse:

“ (...) eu não sei se vou para a segunda fase do vestibular, mas essa sensação [que o projeto me deu] de ter feito uma prova boa, ninguém pode tirar de mim. No ano retrasado quando eu fui corrigir minha prova era só zero, zero, zero. Essa sensação de agora ninguém tira de mim!”

Essa estudante não foi aprovada para a segunda fase do vestibular da UFBA, nem obteve aprovação em outras universidades, tendo prestado exame para o curso de Direito. É provável, como os estudos apontam, que ela tenha que no ano seguinte escolher outra carreira de “menor prestígio”, para que possa ingressar na universidade.

Por outro lado, dos dezoito estudantes que participaram da experiência formativa e receberam o apoio do mesmo projeto, doze deles ingressaram no Ensino Superior. Ou seja, a maioria ultrapassou a barreira do vestibular e poderão prosseguir seus estudos, vindo a elevar sua “credencial educacional”.

Entre os aprovados, o momento da comemoração por ter conseguido ingressar na universidade é marcado também pela ansiedade de não saber, ao certo, se conseguirão concluir seus estudos.

Resta-nos perguntar para ambos os casos: que “laços de solidariedade” esses estudantes formarão na universidade e fora dela para conseguirem ingressar ou permanecer na Universidade? Que novas estratégias serão inventadas para continuarem tentando uma vaga ou para concluírem seus cursos no caso dos aprovados?

Sabe-se que os dilemas que esses estudantes enfrentaram, até o momento, permanecem: questões familiares (incentivo, apoio, dúvidas etc); trajetória escolar anterior marcada por uma escola básica que não lhe colocou em condições de competir

“igualmente” no vestibular ou no interior da universidade; conflitos com a escolha de ter adiado o momento de ingressar no mercado de trabalho; o problema com o custeio dos estudos, etc.

6. Bibliografia

ANDRADE, Rosa Maria, FONSECA, Eduardo. **Aprovados**. São Paulo, Selo Negro, 2002.

ARROYO, Miguel G. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica *In*: ABRAMOWICZ, A. e MOLL, J. **Para Além do Fracasso Escolar**. Rio de Janeiro, Papirus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.

_____. “A ilusão biográfica.” *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 1996.

BRANDÃO, André. **Avaliando um pré-vestibular para negros pobres**. GT Afro-Brasileiros e Educação. n.21, 1998.

CANO, Ignácio. **Introdução à avaliação de programas sociais**. Rio de Janeiro, FGV, 2003.

GOMES, Joaquim Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro, Renovar, 2001.

SILVA, Maria Aparecida da. **Ações afirmativas em educação: acesso, permanência e sucesso do povo negro na universidade**. *Palmares em ação*. Ano I, nº2, 2002.

SILVA, Jailson de Souza. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

Rita Almeida (orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

Zago, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *In Revista Brasileira de Educação*. v 11, n. 32, Rio de Janeiro, mai/ago. 2006

_____. A entrevista e o seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In* ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto; VILELA,

